



ESTADOS UNIDOS-RÚSSIA

Trump eleva ameaça contra Moscou

Presidente norte-americano anuncia o envio de dois submarinos nucleares para "regiões apropriadas", em resposta a comentários "provocativos" de Dmitri Medvedev, número dois do Conselho de Segurança do país, na rede social X

» RODRIGO CRAVEIRO

Durante 45 anos, Estados Unidos e União Soviética (URSS) travaram uma Guerra Fria com direito à ameaça nuclear, em 1962, na Crise dos Mísseis de Cuba. Seis décadas depois, o presidente dos EUA, Donald Trump, reaviveu a tensão atômica com Moscou. Depois de uma publicação do ex-presidente russo Dmitri Medvedev — atual número dois do Conselho de Segurança do país —, o americano ordenou o envio de dois submarinos nucleares em resposta a comentários "provocativos".

Na rede social X, Medvedev fez referência à guerra na Ucrânia e ao ultimato imposto por Trump para um acordo de cessar-fogo. "Trump está brincando de jogo do ultimato com a Rússia: 50 dias ou 10... Ele deveria se lembrar de duas coisas. Primeiro, a Rússia não é Israel nem mesmo o Irã. Segundo, cada novo ultimato é uma ameaça e um passo em direção à guerra." Três dias depois, na quinta-feira, o russo criticou o líder americano e citou a "famosa 'mão morta'" — um sistema automatizado ultrassecreto instituído pela URSS durante a Guerra Fria para tomar o controle do arsenal atômico, em caso de uma eventual destruição da cadeia de comando soviético.

"Ordenei que dois submarinos nucleares se posicionassem nas regiões apropriadas, caso estas declarações insensatas e incendiárias sejam mais do que isso", publicou Trump,

ontem, em sua plataforma Truth Social. Ele sublinhou que "as palavras são muito importantes e, muitas vezes, podem ter consequências imprevisíveis." "Espero que este não seja um desses casos."

O republicano não deu detalhes sobre a região onde os submarinos seriam posicionados, nem se têm propulsão nuclear ou se carregam armamentos nucleares. A retórica belicista de Trump é um capítulo a mais no tensionamento entre a Casa Branca e o Kremlin. Ainda que tenha se aproximado do presidente russo, Vladimir Putin, depois da posse, em 20 de janeiro, Trump recentemente referiu-se ao colega como um "inútil" que "fala muita besteira".

Sanções

A relação entre as duas potências se estreitou a tal ponto que Washington ameaça impor sanções econômicas à Rússia, caso Putin não encerre a guerra até o fim da próxima semana. A intenção de Trump é lançar mão das chamadas sanções secundárias — de impacto indireto, visariam países que negociam petróleo russo, o que incluiria o Brasil. Na madrugada de quinta-feira, a Rússia lançou um dos piores bombardeios de drones e mísseis contra Kiev, capital da Ucrânia, desde 2022. Pelo menos 31 pessoas morreram.

Para a russa Anna Vassilieva, chefe do programa de Estudos Russos e diretora da Iniciativa Monterey em Estudos Russos, é muito cedo para fazer comentários sobre o anúncio

Jim Watson/AFP



Donald Trump: "As palavras são muito importantes e, muitas vezes, podem ter consequências imprevisíveis"

de Trump. "A 'ordem de envio de submarinos nucleares' é uma reação emocional e não se baseia em consultas com o Pentágono ou em um processo decisório formal. O Pentágono nada tem a dizer a respeito", explicou ao **Correio**.

Vassilieva interpreta a atitude de Medvedev como "muito parecida" com a de Trump. "As publicações do ex-presidente russo são altamente pessoais, provocativas e não se sustentam pela racionalidade. Não se pode 'analisar' os desabaços de

Medvedev, assim como os de Trump — são dois exemplos de fluxo de consciência", disse.

Nicholas Fenton — diretor associado do Programa Eurásia, Rússia e Europa do Centro para Estudos Internacionais e Estratégicos (CSIS, em

Eu acho...

Katya Shkolnik



"Em nenhuma circunstância, podemos nos dar ao luxo de minimizar a seriedade da ameaça da Terceira Guerra Mundial como resultado dessa escalada tola e aparentemente inocente. Trump está insatisfeito com o fato de Vladimir Putin não ceder em relação à guerra na Ucrânia e não se alinhar aos EUA, como o republicano espera. Paciência não parece ser o traço de caráter de Trump; então, a retórica do atual impasse entre EUA e Rússia, ainda relativamente benigno, está retornando às qualificações da era Biden."

Anna Vassilieva, chefe do programa de Estudos Russos e diretora da Iniciativa Monterey em Estudos Russos

Washington) — admitiu ao **Correio** que os comentários de Trump provavelmente foram elaborados para sinalizar uma postura mais dura em relação a Kremlin e à política externa russa. "Elas se encaixam em um contexto mais amplo do desejo declarado do governo Trump de obrigar Moscou a se envolver mais seriamente nas negociações de paz com Kiev", afirmou.

COLÔMBIA

Uribe é condenado a 12 anos de prisão

O ex-presidente da Colômbia Álvaro Uribe, condenado por suborno e fraude processual, foi sentenciado a 12 anos de prisão domiciliar, em uma decisão histórica que faz dele o primeiro ex-chefe de Estado condenado e privado de liberdade no país. O líder da direita colombiana, de 73 anos, recebeu a máxima pena possível, em uma audiência à qual assistiu virtualmente e visivelmente incomodado. Na segunda-feira, o popular ex-presidente foi considerado culpado de obstruir a Justiça e

manipular testemunhas para evitar que fosse vinculado aos paramilitares, milícias da extrema-direita responsáveis por uma série de crimes contra civis durante o conflito armado interno.

A juíza Sandra Heredia assegurou que a sentença tem aplicação "imediatamente" para evitar que Uribe queira "evitar" a pena e deixe o país. Logo depois do anúncio da pena, o ex-presidente colombiano (2002-2010) disse que apelará de imediato. A juíza lhe deu prazo

até 13 de agosto para apresentar seus argumentos. "Senhora juíza, eu permito interpor o recurso de apelação, vou exercê-lo hoje mesmo de forma oral aqui, nesta audiência", declarou o presidente, que assistiu à sessão de forma virtual.

"Justiça ajoelhada!", "Juíza corrupta!", gritaram as pessoas reunidas perto da Corte, em Bogotá. O Centro Democrático, partido de Uribe, convocou protestos para 7 de agosto em defesa daquele a quem chamam de "inocente".

Além da pena de prisão domiciliar, Uribe foi inabilitado a ocupar cargos públicos durante mais de oito anos e terá que pagar uma multa equivalente a US\$ 837 mil (R\$ 4,63 milhões, na cotação atual). Sua defesa considerou a condenação politizada, sob a pressão da esquerda no poder. Horas antes de conhecer sua pena, Uribe tinha anunciado na rede X que estava preparando sua apelação, amparado em seus entes queridos e "fundamentalmente na oração".



Ex-presidente Álvaro Uribe gesticula durante a audiência de sentença

CONEXÃO DIPLOMÁTICA



POR SILVIO QUEIROZ
silvioqueiroz.df@gmail.com

O assunto não é apenas comércio

Agosto começa com as exportações brasileiras para os EUA sobretaxadas em 50%, o índice mais alto no festival global de tarifas decretado por Donald Trump. A exclusão de 700 produtos, na última hora, deu alívio a setores importantes, como o de suco de laranja e à Embraer. Mas o virtual fechamento do mercado norte-americano para frutas e outros itens coloca em risco milhares de empregos e deverá seguir como alvo das tentativas do governo para negociar novas isenções.

À parte o terreno puramente comercial, o contencioso iniciado por Washington tem o componente político, expresso na exigência de que seja suspenso o julgamento do ex-presidente Jair Bolsonaro por tentativa de golpe. No mesmo dia em que tirou dos 50% produtos cujo encarecimento atingiria a economia doméstica,

Trump reforçou as sanções ao ministro Alexandre de Moraes, que preside o julgamento no STF.

O avanço do processo, somado às ameaças contra outros juízes do Supremo, aponta para a perspectiva de mais turbulências nas relações bilaterais. Com indícios de que poderão sobrevir restrições mais duras e de caráter mais institucional.

Brics na mira

Desde que comunicou o tarifaço, no início de julho, o magnata republicano não fez segredo de que, atingindo o Brasil, mirava no Brics. O pacote comercial, anunciado em seguida à cúpula do bloco, no Rio, foi acompanhado de promessas de "acabar" com a articulação dos emergentes, caso venha a se configurar como

ameaça à hegemonia do dólar.

Mais significativa foi a decisão adotada sobre a Índia, outra fundadora do Brics. Além da tarifa geral de 30%, o país será agravado com uma espécie de multa por comprar petróleo da Rússia, também integrante da formação inicial do bloco.

Europa faz o pivô

Também a Otan, aliança militar comandada por Washington, acenou com sanções para países que façam negócios com Moscou, submetida a bloqueio por conta da guerra na Ucrânia. Brasil, China e Índia foram citados nominalmente.

A medida segue o modelo das medidas ditas secundárias aplicadas pelos EUA a Cuba e ao Irã. Além de proibir empresas norte-americanas de negociar

com os países sob embargo, governos e empresas de terceiros países que furarem o bloqueio ficam sujeitos a punições — por exemplo, de manter atividades em solo norte-americano.

No caso da Otan, que abriga a maior parte dos países-membros da União Europeia, a ameaça aos parceiros do Kremlin conecta a guerra comercial e a guerra propriamente dita. A UE, antes castigada com tarifas de 30%, fechou acordo em 15%, em troca de concessões. Uma delas é a de comprar material bélico dos EUA para armar a Ucrânia.

O pacote se completa com a recente decisão da Otan que compromete os países-membros a elevar os próprios orçamentos de defesa para 5% do PIB. A meta era perseguida por Trump desde o primeiro mandato, entre 2017 e 2021.

Israel a tiracolo

Acaba de entrar no imbróglio o outro

conflito que ameaça a estabilidade global — a ofensiva militar de Israel sobre a Faixa de Gaza. Ao fim de muitas idas e vindas na mesa de negociações, a Casa Branca anunciou a tarifa de 35% para produtos do Canadá. Um dos motivos invocados foi a decisão do premiê Mark Carney de somar-se a França e Reino Unido para reconhecer formalmente o Estado palestino, em setembro, perante a Assembleia-Geral da ONU.

Mais um motivo de atenção para o governo brasileiro, que reconhece a Palestina desde 2010 e vem de participar de uma conferência internacional sobre a efetivação do Estado soberano, na sede da ONU. Na ocasião, o chanceler Mauro Vieira formalizou a adesão do país ao processo em que a África do Sul acusa Israel de genocídio, na Corte Internacional de Justiça. O ministro comunicou também a suspensão da venda de material militar ao Estado judeu.